

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE MUDANÇA LINGÜÍSTICA¹

FERNANDO TARALLO

Tudo isso é favorecido
por um clima na Lingüística
em que a autonomia da gramática
é reconhecida fora
das trincheiras do inatismo.
(Tarallo, 1987, Labov, 1987)

Neste artigo são feitas algumas reflexões sobre o conceito de mudança lingüística. Em particular, merecem destaque nestas reflexões o próprio conceito de mudança lingüística e as noções de origem, implementação e propagação das mudanças. Para tais reflexões torna-se mister reconsiderar os aspectos quantitativo vs. qualitativo das mudanças estudadas; a adequação de modelos teóricos, se paramétrico ou quantitativo-correlacional; e a própria seleção do objeto a ser analisado. Tais reflexões são feitas com base em dois estudos – utilizados no artigo como meros pretextos para discussão – sobre mudança sintática recentemente completados, um sobre o português brasileiro moderno (Berlink, 1988, 1989), e outro sobre o francês medieval (Lemieux, Gosselin e Dupuis, 1989). Com base nestes dois estudos, defende-se um conceito de mudança lingüística que privilegie o aspecto qualitativo em detrimento do quantitativo, demonstrando-se que algumas mudanças já atestadas evidenciam tão somente casos do contínuo diacrônico, mas não exatamente de ruptura estrutural.

A cisão epistemológica que tem caracterizado a pesquisa e o pensamento lingüísticos deste século (consulte-se a esse respeito: Albano, 1990), isto é: o embate entre o racionalismo e o empirismo, também nos rumos, caminhos e descaminhos da Lingüística Histórica tem deixado suas fortes marcas. Em um texto de 1988, às páginas 16 e 17, Lightfoot ratifica sua postura racionalista frente à mudança lingüística, já presente

Fernando Tarallo. Professor da Universidade Estadual de Campinas.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada durante o 9º Congresso Internacional da ALFAL, UNICAMP, de 6 a 10 de agosto de 1990.

em seus trabalhos desde 1979:

"We aim to discover the invariant properties of grammars, where a grammar characterizes the subconscious linguistic knowledge of a mature speaker, and to specify the genetically determined properties that permit children to master their languages. We assume that many properties of the mental genotype are invariant from person to person, whether people living in modern or medieval France. (...) Therefore language change must be viewed as reflecting different grammars, all attained in the usual way on the basis of a more or less common genetic inheritance. Shakespeare's internalized grammar was different from mine because it developed in him in accordance with the same genetic program that enabled Ezra Pound and Tennessee Williams to develop their quite different linguistic capacities".

Uma passagem como esta de Lightfoot deixa transparecer o que Albano (1990) bem caracteriza como a autonomia da gramática dentro das trincheiras do inatismo. Mais importante ainda, o objetivo do estudo da mudança para o referido autor está centralizado na busca das propriedades *invariantes* da gramática. Neste sentido, tal estudo, dentro deste quadro teórico, deveria, em princípio e por definição, viabilizar a descrição das gramáticas possíveis, e isto é exatamente o que vemos confirmado na continuação da mesma passagem:

"Looking at the point where certain changes take place may inform us about the limits to attainable grammars, about when the linguistic environments change in such a way as to trigger a different kind of grammar. (...) A good theory of grammar illuminates the nature of historical change but one must be careful not to demand too much. A theory of grammar should not seek to explain all the changes that a language might undergo, because the history of a language is not fully determined by the properties of the mental genotype. Many changes are due to other things, some of which can be regarded as chance or at least non-grammatical factors".

Há, neste segundo trecho da passagem, um ponto importantíssimo a ressaltar, a saber: a possibilidade de interferência de outros fatores na explicação da mudança linguística, o que, de certa forma, representa uma novidade dentro deste quadro teórico de reflexão sobre a gramática. Lightfoot considera, neste momento, a existência de outros fatores, como, por exemplo, o fenômeno do contato entre línguas, como uma possível causa da mudança linguística. Estes chamados fatores não-gramaticais são ponto de honra nas definições mais empiristas da mudança linguística, conforme se pode observar no trecho a seguir de Labov (1975:829):

"A linguistic change begins as a local pattern characteristic of a particular social group, often the result of immigration from another region. It becomes generalized throughout the group, and becomes associated with the social values attributed to that group. It spreads to those nei-

ghoring populations which take the first group as a reference group in some way or another. The opposition of the two linguistic forms continues and often comes to symbolize an opposition of social values. These values may rise to the level of social consciousness and become *stereotypes*, subject to irregular social correction, or they may remain below that level as unconscious *markers*. Finally, one or the other of the two forms wins out. There follows a long period when the disappearing form is heard as archaic, a symbol of a vanished prestige or stigma, and is used as a source of stereotyped humor until it is extinguished entirely. If the older pronunciation is preserved in place names or fixed forms it is then heard as a meaningless irregularity".

O trecho acima de Labov apresenta uma postura teórica radicalmente oposta à de Lightfoot. Observe-se que a definição de mudança linguística é concebida de modo diverso, isto é: o que está em jogo não é exatamente, ou apenas, a questão da origem, mas sobretudo a da implementação e da propagação das mudanças linguísticas. De fato, conforme o próprio Labov o afirma,

"In these descriptions of change, it should be clear that we do not distinguish on principle between the origin and the propagation of a change. For if we take seriously the view of language as a form of social communication, then language can only be said to change when a new form is transmitted from one speaker to another, and accepted as an arbitrary social convention for conveying meaning. The analogy with biological evolution is clear: for a species can only be said to have changed when a new trait is propagated to future generations".

Colocadas estas duas definições de mudança linguística, a de Lightfoot (1988) e a de Labov (1975), e já devidamente constatado que, para Lightfoot, a mudança linguística se explica pela própria teoria da gramática, enquanto, para Labov, avulta uma teoria da mudança linguística como fonte explanatória, façamos algumas ponderações sobre a aparente incompatibilidade teórica entre as duas vertentes.

Não há dúvida alguma sobre a diferente postura teórica que direciona as duas definições, o que caracteriza, de certa maneira, uma conceitualização radicalmente oposta. Ao diferenciarmos, entretanto, os níveis de origem e de propagação da mudança linguística, esta mesma incompatibilidade teórica pode ser minimizada, isto é: a definição de Lightfoot, notadamente direcionada para a questão da origem das mudanças, centraliza o foco de estudo no interior da própria gramática, argumentando ser a própria mudança o teste para se chegar ao limite das possíveis gramáticas. A definição de Labov, por outro lado, e, neste sentido, entenda-se a correlação com a evolução biológica proposta pelo Autor, aparece direcionada fundamentalmente para a questão da propagação, equacionando mesmo origem e propagação. Situando-se, pois, a conceitualização de mudança linguística nos dois extremos da origem e da propagação, vê-se cla-

ramente quão minimizada pode ser a distância entre os dois quadros teóricos.

Há, ainda, uma segunda perspectiva através da qual se pode vislumbrar uma aproximação maior entre os dois modelos teóricos quanto à possibilidade de uso heurístico de um pelo outro, nos dois sentidos. Viu-se acima, através do trecho de Lightfoot, que, com os desenvolvimentos mais recentes do modelo sintático paramétrico, abriu-se espaço, especialmente nos trabalhos de orientação diacrônica, para a possibilidade de interferência de fatores de natureza não-gramatical na resolução da mudança. Isto não significa que o modelo procure investigar tais forças; ao contrário, alerta-se tão e simplesmente para um cuidado teórico no sentido de a teoria da gramática não sofrer exigências extremas por parte do teorizador. Similarmente, deveríamos procurar encontrar no modelo da implementação algum tipo de abertura (ou dir-se-ia fechamento, neste caso?) para a possibilidade de a estrutura interna desempenhar um papel mais preponderante na mudança lingüística, independentemente de forças externas, tais como apresentadas na definição de Labov. Ou seja: conforme colocado por Albano (1990), retomando Tarallo (1987) e Labov (1987), o vislumbrar da autonomia da gramática *fora* das trincheiras do inatismo!

Sobre esta diferenciada autonomia da gramática, lembre-se, em primeiro plano, a força dada ao chamado princípio da uniformidade pelo modelo empirista laboviano, conforme trecho a seguir:

“At this point we can begin to apply principles derived from our sociolinguistic studies of change in progress. In so doing, we necessarily rely upon the uniformitarian principle – that is, the forces which operated to produce the historical record are the same as those which can be seen operating today. Of course we cannot solve historical problems as we can synchronic ones: the phonetic and social data are too fragmentary. But we can provide some plausible interpretations with principles which have full empirical support and so illuminate the past by the present as we do the present by the past” (Labov, 1975:829).

Uma excelente ilustração de como se valer do presente para a explicação do passado é dada neste estudo de 1975 sobre a questão das fusões e das quase-fusões fonológicas.

Outro ponto e, quiçá, o mais importante, nesta nova versão da autonomia da gramática sem a correlação direta ao inatismo, é o representado pela tabela 12 do artigo de Labov (1981) sobre serem as mudanças fonológicas explicáveis através de princípios neogramáticos ou pela hipótese da difusão lexical. Ao lado de uma série de considerações tanto internas quanto externas à mudança fonológica, Labov conclui seu texto com uma tabela em que, à luz de vários estudos realizados sobre mudanças vocálicas e consonantais, o autor se “permite” prever o tipo de mu-

dança mais susceptível de acontecer. Assim, no caso das mudanças vocálicas, a possibilidade de uma mudança estritamente condicionada ao nível fonético, sem interferências do léxico, prende-se aos fenômenos de ditongação e de monotongação, por exemplo, e entre outros, enquanto as mudanças vocálicas que envolvem alongamento ou abreviamento de vogais tendem a desenvolver condicionamentos léxicos. Similarmente, no caso das mudanças consonânticas, as chances de condicionamento lexical são maiores para mudanças que envolvem o ponto de articulação, enquanto o condicionamento estritamente fonético está mais frequentemente presente nas mudanças envolvendo o modo de articulação. Trata-se, nestes dois casos, de mudanças em que, independentemente de fatores externos considerados para explicar sua origem e propagação, se abre espaço para uma previsibilidade a partir do próprio sistema, ou seja: de dentro para fora.

Um forte argumento, pois, foi feito até o presente momento deste texto: a separação teórica entre origem e propagação da mudança lingüística minimiza certas rupturas teóricas entre o modelo racionalista e empirista da Lingüística Histórica. Desconsiderando-se, pois, a diferente concepção de linguagem pressuposta em cada um, a saber: a questão do inatismo e do genótipo mental, presente no primeiro e ausente no segundo, faz-se uma proposta de conciliação, ao menos de uso heurístico de um pelo outro, entre os dois. Isto significa que, dado o *corpus* a ser analisado, destaca-se em primeiro plano de análise a possibilidade de resolução da mudança a partir da própria estrutura lingüística. Detalharemos a seguir como operar dentro deste novo modelo.

Nesta nova perspectiva de análise, a leitura dos dados já é mediada por uma interpretação teórica, postura metodológica oposta aos tradicionais ensinamentos da herança empirista. Isto significa necessariamente um total imbricamento entre as pesquisas a serem realizadas em prol do saber sobre a mudança lingüística a ser constituído.

Tomemos especificamente o caso da variação e da mudança sintáticas. Dentro desta nova abordagem, a verificação de que a fala brasileira não-culta tende a usar sujeitos lexicais plenos teoricamente prevê a redução do paradigma da morfologia verbal e o esvaziamento da concordância verbal e, trans-sintaticamente, da concordância nominal. Ou inversamente, e igualmente, é claro, a verificação sobre o esvaziamento da concordância verbal teoricamente prevê a tendência ao preenchimento do sujeito, temático ou não-temático.

Vários estudos já foram realizados dentro desta nova perspectiva e temos a salientar que a escolha da variável dependente, ou seja: do objeto de estudo, é regida pela noção de imbricamento entre as pesquisas, imbricamento este motivado por hipóteses sintáticas fortes. Assim, se consideramos o português brasileiro do momento presente e tomarmos a

noção de esvaziamento de concordância nominal e verbal em português, já atestada a partir de estudos realizados (Scherre, 1978, 1988; Rodrigues, 1988), teoricamente se prevê a necessidade de se atestar a rigidez da ordem dos constituintes maiores da sentença (Berlinck, 1988); sujeitos ple-nos mais freqüentes (Tarallo, 1983); o objeto nulo, considerando-se o clí-tico como parte do sistema de flexão (Omena, 1978, Tarallo, 1983, Duar-te, 1986, 1989); a rigidez da ordem por sua vez interferindo com a noção de adjacência e de atribuição de caso e com a diferenciação dialetal com o português europeu centrada na ausência de regras de movimento no por-tuguês brasileiro (Tarallo, 1983, sobre as relativas; Moino, 1988, 1989, sobre o uso limitado da passiva sintática; e Ramos, 1989, sobre o defi-nhamento da marcação de acusativo preposicionado).

A mesma previsão/ibilidade teórica é válida para os dados diacrôni-cos que temos analisado. Temos atestado, em sucessivos estudos já reali-zados, que o final do século XIX é particularmente importante como marco inicial de uma diferenciação dialetal entre o português europeu e o português brasileiro. Assim, a estratégia de apagamento de QU *in situ*, postulada em Tarallo (1983) para as relativas do português brasileiro atual, encontra uma explicação no dado diacrônico que atesta uma ruptu-ra estrutural: de geradas por movimento, as relativas começam no final do século passado a ser geradas por apagamento do elemento QU *in situ*. Esta mudança estrutural, isto é: o enfraquecimento da estratégia de mo-vimento no português brasileiro, teoricamente faz prever a diminuição da ordem verbo-sujeito e a conseqüente tendência ao enrijecimento em su-jeito – verbo – objeto (Berlinck, 1988, 1989); o nascimento do objeto nulo no português brasileiro (Tarallo, 1983), não mais como variável, mas como pro (Cyrino, 1990); e mais para o início do século XX, a fixação da ordem sujeito – verbo também nas interrogativas diretas (Duarte, 1990), entre outros fatos.

Duas últimas observações fazem-se necessárias para tal uso heurís-tico pleno de um modelo teórico pelo outro nos moldes avançados acima. A primeira diz respeito à diferenciação entre mudanças quantitativas e qualitativas. Por mudança quantitativa, entendem-se neste texto casos do contínuo diacrônico; a noção de mudança no sentido de ruptura estrutu-ral, entretanto, remete a diferenças qualitativas entre duas fases de um mesmo sistema. Vejamos, inicialmente, um caso de contínuo diacrônico.

Lemieux, Gosselin & Dupuis (1989) analisam, dentro de uma pers-pectiva paramétrica e com base em dados diacrônicos, a expressão do su-jeito no francês medieval. Dentre os inúmeros dados analisados desta-

quemos a tabela 10, na página 17 do texto²:

TABLEAU 10
Influence du type de phrase sur les sujets préverbaux

Phrases	VS		SV		Total
	N	%	N	%	
principales	315	23 <	1059	77 <	1374
subordonnées	68	4 >	1798	96 >	1866
Total	383	12	2857	88	3240

Considera-se, nesta tabela, a influência do tipo de sentença, se prin-cipal ou subordinada, sobre os sujeitos, pré- ou pós-verbais. Observe-se, através da indicação feita por este Autor com os sinais > e < que, em uma leitura horizontal da tabela, as diferenças entre principais e su-bordinadas ficam restritas ao nível quantitativo: nos dois casos, há mais SV do que VS. Se considerarmos a tabela verticalmente, entretanto, uma diferença qualitativa emerge dos dados, isto é: VS é mais freqüente nas principais e SV, nas subordinadas.

Um caso como este não significa ruptura estrutural, mas estágios do contínuo diacrônico em que a gramática se remove internamente com fins a uma resolução sintática. Um mero fato como este, entretanto, é su-ficiente para obrigar os pesquisadores a (re)considerarem o papel exerci-do pelo tipo de sentença na expressão do sujeito:

“Les données que nous possédons montrent qu’il faut tenir compte des subordonnées dans l’étude du phénomène pro-drop. Cependant les différences entre principales et subordonnées sont tellement cons-tantes qu’elles nous laissent supposer un processus pour en rendre compte” (p. 21).

Uma mudança no sentido de ruptura estrutural necessariamente significa diferenças qualitativas entre duas fases de um mesmo sistema. A mudança sintática na derivação de estruturas relativas atestada por Taral-lo (1983), isto é: de um sistema regido por regras de movimento para ou-tro regido por apagamento de elementos *in situ*, caracteriza-se como um caso de ruptura estrutural. Um outro exemplo de mudança qualitativa é o apresentado por Berlinck (1988, 1989).

A tabela 1 a seguir, retirada de Berlinck (1989:97), apresenta a di-minuição da ordem verbo – sujeito em termos percentuais para os sécu-los XVIII, XIX e XX.

² Os números das tabelas usadas neste texto correspondem aos dos textos originais.
Organon 18/1991

TABELA 1

Frequência de V SN segundo o *corpus* analisado

<i>Corpus</i>	%	N
século XVIII (1750)	42	203/ 485
século XIX (1850)	31	144/ 469
século XX (1987)	21	263/1262

Fica claro, através dos dados apresentados por Berlinck, que a ocorrência da ordem verbo – sujeito diminui substancialmente nos *corpora* analisados. Que forças teriam atuado para tal mudança? Para resolver esta questão, Berlinck submeteu os três *corpora* a um tratamento probabilístico, tendo considerado os mesmos fatores em sua análise. Apresentamos a seguir os resultados da análise probabilística. Para o século XVIII respondiam pela ordem verbo – sujeito os seguintes fatores, em ordem hierárquica de importância e peso probabilístico: 1) *status* informacional do SN; 2) realização do SN; 3) distinção aspectual operação-resultado; 4) tipo de predicador. Para os dados do século XIX o tratamento probabilístico dos dados elencou os seguintes fatores: 1) tipo de predicador; 2) realização do SN; 3) estatuto da oração. E, finalmente, para os dados do século XX, um fator que sequer havia sido elencado nos outros dois *corpora* como significativo avulta como o grande condicionador da ordem verbo – sujeito: 1) a transitividade do verbo, seguido de 2) realização do SN; 3) animacidade do SN; 4) distinção aspectual operação-resultado; e 5) concordância verbal.

Temos, nestes dados de Berlinck, um claro exemplo de mudança qualitativa no sentido de ruptura estrutural, isto é: enquanto um fator de natureza notadamente funcionalista explicava a ordem verbo – sujeito no português brasileiro do século XVIII, um fator de natureza sintática, a transitividade do verbo, aparece como o grande condicionador da ordem verbo – sujeito no português brasileiro do momento. A tabela 5, a seguir (Berlinck, 1989: 102), apresenta os resultados ilustrativos desta mudança estrutural: observe-se a forte restrição à ordem verbo – sujeito, imposta pela transitividade do verbo ao longo do tempo, destacada em itálico na tabela.

TABELA 5

Frequência de V SN segundo a transitividade do verbo, nos três *corpora*

<i>Corpus</i>	XVIII		XIX		XX	
	%	N	%	N	%	N
intransitivo-existencial	100	14/14	97	30/31	99	322/322
intransitivo-não-existencial	59	40/68	47	36/76	46	127/272
ligação	47	67/144	30	40/133	23	107/456
expressão fixa	47	16/34	28	9/32	13	10/76
<i>trans. indireto</i>	34	27/79	36	33/91	8	8/91
<i>trans. direto</i>	34	40/118	21	20/96	3	11/343
<i>bitransitivo</i>	30	13/43	15	6/41	0	0/22

Para finalizar este segundo momento de nossas reflexões sobre a mudança lingüística, e ainda ligado a esta questão de as mudanças serem quantitativa e/ou qualitativamente diferenciadas, faz-se necessário retomar a questão do encaixamento lingüístico. Tanto no modelo paramétrico como no quantitativo-correlacional faz-se alusão ao imbricamento entre mudanças internas. Assim, no modelo paramétrico, a alteração em uma propriedade de um parâmetro pode teoricamente implicar realinhamento das demais propriedades do mesmo parâmetro. No modelo quantitativo-correlacional, coloca-se, nesta mesma direção, a questão do *linguistic embedding*, isto é: como as mudanças atestadas se encaixam na matriz dos concomitantes lingüísticos. Berlinck, retomando os dados sobre objeto direto anafórico fonologicamente não expresso de Tarallo (1983: 166-193), demonstra o imbricamento entre o enrijecimento da ordem e a emergência do objeto nulo, ou seja: à medida que a taxa percentual para ocorrência de objeto direto anafórico diminui, igualmente decrescem as taxas para a ordem verbo – sujeito tanto com os transitivos diretos quanto com os bitransitivos (consultem-se a tabela 6 e a figura 2 de Berlinck, 1989, páginas 105 e 106, respectivamente!).

Argumentamos no presente texto que refletir sobre o conceito de mudança lingüística (e especificamente, sobre a mudança sintática) implica ponderar sobre uma série de aspectos. A título de conclusão de texto, retomamos tais pontos.

Em primeiro lugar, defendemos a idéia segundo a qual a adequação de modelos teóricos necessariamente implica reconsiderar a diferenciação nem sempre feita entre origem e propagação de mudanças. Vimos que tal diferenciação, quando e se registrada, equaciona um menor afastamento conceitual e a nível de pressupostos entre modelos teóricos apa-

rentemente incompatíveis. Esta aproximação reflete, conseqüentemente, uma diferente concepção do objeto a ser estudado, isto é: o imbricamento entre as variáveis internas a serem analisadas reflete previsões e hipóteses teóricas orientando o elencamento dos fatos a serem testados.

Um segundo grande argumento feito ao longo do texto foi a necessidade de se diferenciar, de um lado, mudança qualitativa no sentido de ruptura estrutural e, de outro, mudança quantitativa no sentido de etapas do contínuo diacrônico. Tal argumento presta-se, na realidade, a um serviço de alerta: há que se ponderar objetivamente os casos já estudados sobre a evolução diacrônica do português brasileiro no sentido do conceito de mudança que a eles subjaz, se quantitativa ou qualitativa.

Gostaríamos, entretanto, de fechar o presente texto com algumas reflexões feitas por Kroch em recente artigo (1990, no prelo). Com base em vários trabalhos de sintaxe histórica já realizados, a saber: a substituição de *have* por *have got* no inglês britânico (Noble, 1985); o aumento de uso do artigo definido frente a possessivos no português brasileiro (Oliveira e Silva, 1982); a perda da inversão verbo – sujeito em francês (Fontaine, 1985) e o caso do *do* perifrástico em inglês (Kroch et al, 1982, Kroch, 1989), Kroch argumenta em favor da hipótese da proporção constante (*the constant rate hypothesis*).

A hipótese da proporção constante prediz, segundo o Autor (p. 2), que

“... the time course of syntactic change is tightly constrained by the grammar of the changing language”, ou seja: “... when one grammatical option replaces another with which it is in competition across a set of linguistic contexts, the rate of replacement, properly measured, is the same in all of them”.

Isto significa que os contextos lingüísticos serão diferenciados quanto ao favorecimento da(s) forma(s) mutante(s), mas não em relação à proporção de espriamento da(s) mesma(s).

O ponto mais importante deste texto de Kroch para o presente artigo, entretanto, está na ênfase dada à autonomia da gramática. De fato, através de sólidas evidências, Kroch demonstra ser de natureza abstrata a análise gramatical que define os contextos de mudança, isto é:

“... the set of contexts that change together is not defined by the sharing of a surface property, like the appearance of a particular word or morpheme, but rather by a shared syntactic structure, whose existence can only be the product of an abstract grammatical analysis on the part of the speakers” (p. 2).

E para finalizar, se esta hipótese da proporção constante continuar a demonstrar seu potencial explanatório, conforme conclui o Autor, os estudos de Lingüística Histórica com base em dados diacrônicos reais

terão que ser redirecionados, ou seja: as “causas” das mudanças estudadas deverão ser buscadas em níveis mais abstratos da gramática. Kroch ainda acrescenta:

“The fact that contexts tied together grammatically do not evolve independently means that functional effects can drive change only to the extent that their average effect on usage is to favor one form over its competitor”.

Demonstra-se, assim, a força da estrutura na resolução da mudança e é assim que novamente o espaço dado à autonomia da gramática, dentro e fora das trincheiras do inatismo, pode compatibilizar modelos teóricos aparentemente tão dissociados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, E. C. *Da fala à linguagem tocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERLINCK, R. de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNICAMP, 1988.
- . A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.
- CYRINO, S. *O objeto nulo no Português do Brasil: análise diacrônica*. 1990. Mimeo.
- DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-SP, 1986.
- . Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.
- . A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em Interrogativas QU no Português do Brasil. 1990. Mimeo.
- FONTAINE, C. *Application de methodes quantitatives en diachronie: l'inversion du sujet en français*. Mémoire (Maitrise) – Université du Québec à Montréal, 1985.
- KROCH, A. et al. Understanding 'do'. In: TÜITE, K. (Ed.). *Papers from the 18th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1982.
- . Function and Grammar in the History of English: Periphrastic 'do'. In: FASOLD, R. & SCHIFFRIN, D. (Eds.), *Language Change and Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 1989. p. 133-172.
- . Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variation and Change*, v. 1, n. 3, 1990. In press.
- LABOV, W. On the use of the present to explain the past. Estratto de *Linguistics at the crossroads*. Liviana Editrice-Jupiter Press, 1975.
- . Resolving the neogrammarian controversy. *Language*, n. 57, p. 2. 1981.

- _____. The overestimation of functionalism. In: DIRVEN, R. & FRIED V. (Eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. p. 311-332
- LEMIEUX, M.; GOSELIN, D. & DUPUIS, F. Variation paramétrique: l'expression du sujet en moyen français. 1989. Mimeo.
- LIGHFOOT, D. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- _____. Modelling language change: Ontogenetic & Filogenetic. 1988. Mimeo.
- MOINO, R. E. L. *Passivas nos discursos oral e escrito: sintaxe e variação*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-SP: 1988.
- _____. Passivas nos discursos oral e escrito. No princípio era o verbo, e o verbo se fez adjetivo? ou... o que estamos fazendo no oral!. In: TARALLO, F. (Org.), *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 35-50.
- NOBLE, S. To have and have got. Paper presented at NWAVE 14. Washington: Georgetown University, 1985.
- OLIVEIRA E SILVA, G. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Letras) – UFRJ.
- OMENA, N. P. de. *Pronome pessoal de terceira pessoa. Suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ, 1978.
- RAMOS, J. O emprego de preposições no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.), *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 83-93.
- RODRIGUES, A. C. de S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese (Doutorado em Letras) – USP: 1988.
- SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. Dissertação (Mestrado em Letras) – PUC-RJ: 1978.
- _____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese (Doutorado em Letras) – UFRJ: 1988.
- TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. PhD Dissertation. University of Pennsylvania, 1983.
- _____. Por uma sociolingüística românica "paramétrica": fonologia e sintaxe. *Ensaio de Lingüística*, n. 13, p. 51-83, 1987.
- _____. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes. 1989.